

Ernst Bloch

O marxista que reabilitou a utopia

Ernst Bloch não é inteiramente desconhecido entre os brasileiros. Em 1968, o sulgo Pierre Furter havia acabado de preparar uma introdução a Bloch, o livro intitulado "Dialética da esperança", que veio a ser lançado em 1974 pela Editora Paz e Terra.

Mais recentemente, a Editora Loyola publicou uma versão ligeiramente modificada da tese de doutorado em filosofia defendida em Tübingen pelo professor brasileiro Luiz Bicca: "Marxismo e Liberdade" (São Paulo, 1987).

E agora está no Rio de Janeiro, terminando um curso no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o professor francês Arno Munster, autor de um livro editado em alemão e ainda não traduzido para o português, cujo título (traduzido) é: "Utopia, messianismo e apocalipse na obra do jovem Ernst Bloch". No início de agosto, além de dar outro curso no mesmo IFCS, Arno Munster - que fala português! - deve fazer uma série de palestras sobre Bloch na PUC do Rio, a convite do Departamento de Filosofia e do Departamento de Sociologia da Universidade Católica.

Vale a pena lembrarmos, aqui, alguma coisa da vida e da obra do polêmico pensador alemão. Pessoalmente, sinto uma emoção especial ao escrever sobre ele: vi-o uma vez em Marburg, na Alemanha, em 1973. Ele estava muito velho, cego, porém sua voz continuava firme e transmitia uma força impressionante. Falou durante uma hora e a plateia o ouviu embevecida. Creio que jamais tive ocasião de escutar um orador melhor do que ele.

Ernst Bloch nasceu em 8.7.1885, na cidade de Ludwigshafen, às margens do Reno, filho de um funcionário da empresa estatal que administrava as estradas de ferro na Alemanha. Do outro lado do rio ficava a cidade de Mannheim, que tinha sido residência de príncipes bávaros e cujo luxo e refinamento contrastavam com a aridez da sua vizinha industrializada. Bloch, na juventude, ficava impressionado com esse contraste entre Mannheim (que tinha um dos maiores e mais belos teatros do país) e Ludwigshafen (que tinha a IG Farben, a maior fábrica alemã).

Desde cedo, contudo, Bloch se interessou tanto pelo refinamento da cultura burguesa como pela combatividade do movimento operário. O que não o interessava era a rotina, era o conformismo de sua família. Contra a vontade dos pais, estudou filosofia e frequentou a biblioteca do castelo de Mannheim. Depois de um primeiro período, em que sofreu a influência de Windelband, Rickert e Lask, fez cursos em Munique e Würzburg, foi para Berlim, passou a estudar com Georg Simmel em 1908 e se tornou amigo de outro jovem filósofo que tinha exatamente a sua idade e do qual tenho falado bastante: Georg Lukács. Desenvolveu-se entre os dois uma afinidade tão forte que os dois passaram a funcionar, durante algum tempo, segundo palavras de Bloch, "como vasos comunicantes".

Bloch desenvolveu obstinadamente o pensamento que o presente jamais se esgota em si mesmo, está sempre grávido do futuro; seu movimento depende do sentido que lhe vai ser conferido pelo "por-vir"

Arno Munster, em seu livro "Utopia, messianismo e apocalipse na obra do jovem Ernst Bloch", comparou cuidadosamente as posições assumidas naquele período pelos dois amigos: ambos partiram de uma visão asperamente crítica da sociedade burguesa e apoiaram a revolução russa dirigida por Lênin em novembro de 1917. Lukács ingressou no Partido Comunista e Bloch, apesar da simpatia que tinha pela organização, nunca chegou a filiar-se a ela.

Pouco a pouco, foram se manifestando diferenças entre os pontos de vista que eles adotavam. Quando Lukács publicou sua clássica coletânea de ensaios "História e consciência de classe" (1923), Bloch publicou uma resenha muito elogiosa sobre o livro. E os elogios iam sobretudo para pontos que viriam a ser repelidos com energia pelos teóricos oficiais tanto do comunismo da social-democracia: a reavaliação do legado de Hegel, a revalorização da questão dialética crucial da "totalidade", o franco reconhecimento das tensões inelimináveis inerentes à relação sujeito-objeto e a ênfase posta no tema do "tornar-se" (o ser existe em movimento, sempre mudando: ele é aquilo em que ele se torna).

Bloch se identificava apaixonadamente com essas idéias. Para ele, o ser não podia deixar de ser isso mesmo: um permanente "vir-a-ser". E, ao longo de sua obra, ele desenvolveria obstinadamente esse pensamento: o presente jamais se esgota em si mesmo, está sempre grávido do futuro; seu movimento depende do sentido que lhe vai ser conferido pelo "por-vir".

A essa concepção do ser, correspondia, em Bloch, uma inclinação política que o levava a se reconhecer nas lutas daqueles que estão empenhados em mudar o mundo e criar um futuro melhor.

Está no Brasil um especialista no pensamento de Ernst Bloch: o professor Arno Munster. As aulas que ele ainda vai dar proporcionarão aos estudantes do Rio de Janeiro uma oportunidade preciosa para se familiarizarem com as idéias do filósofo marxista que reabilitou a utopia. Após sua morte, em 1977, Bloch vem despertando crescente interesse na Europa; diversos livros seus foram lançados na França.

Leandro Konder



Os homens que sonham com um mundo mais livre são aqueles que se dispõem mais naturalmente a enxergar e a combater os limites impostos à liberdade dos homens no mundo atual. Por isso, Bloch saúda o "espírito da utopia", onde quer que ele apareça (tanto em Marx como no socialista libertário Gustav Landauer, no santo católico Thomas Morus ou no filósofo-sapateiro protestante Jacob Boehme).

O primeiro livro que Bloch publicou foi, justamente, uma clara manifestação da sua disposição para aproveitar a "energia do sonho", a vontade de imaginar (e forjar) uma sociedade mais justa. E o livro se chamava "O espírito da utopia". (Teve uma primeira edição em 1918 e, depois de reescrito, foi relançado em 1923, no ano mesmo de "História e consciência de classe".

O livro seguinte - "Thomas Munzer, teólogo da revolução" - apareceu em 1922. Comentava a vida e as idéias de um místico, profeta e agitador, que se destacou na revolta dos camponeses em 1524, foi ferozmente combatido por Lutero e pelos senhores feudais alemães, preso e torturado, para afinal ser decapitado (há uma tradução da obra para o português, feita por Vamireh Chacon e publicada pela editora Tempo Brasileiro).

Nos anos vinte, já se afastando das posições que tinha partilhado com Lukács, Bloch se aproximou de outro autor de quem também tenho falado bastante: Walter Benjamin. Influenciado pelo livro "Rua de mão única", de Benjamin, que saiu em 1928, Bloch lançou um volume de fragmentos, pe-

quenos contos, aforismas, intitulado "Traços" (em alemão: "Supuren", 1930).

Com a ascensão de Hitler ao poder, Bloch, socialista e judeu, teve de sair rapidamente da Alemanha. Foi para a Suíça; depois passou algum tempo na Tchecoslováquia; por fim, instalou-se nos Estados Unidos. Nesse período, mais do que nunca, suas preocupações filosóficas se associavam intimamente às suas preocupações políticas. Através da mulher com quem se casou (a judia polonesa Karola, que era militante do PC), permanecia sempre próximo aos comunistas, apoiando-os em seus combates.

Num ponto importante, contudo, divergia deles; achava que eles não levavam suficientemente em conta os problemas ligados ao que chamou de "temporalidade desigual" (*Ungleichzeitigkeit*), isto é, ao fenômeno histórico segundo o qual os "tempos" pelos quais se orientam as consciências dos diversos grupos humanos não são idênticos.

Numa coletânea de artigos intitulada "A herança do nosso tempo", publicada em 1934, Bloch notou que o número dos funcionários públicos na Alemanha tinha crescido bem mais que o número dos operários; no entanto, o modo de sentir e de pensar dos funcionários tinha se modificado muito menos e, em certos aspectos, permanecia quase o mesmo de 50 anos atrás. Os nazistas - acrescentava - tinham percebido isso. E, na propaganda política, trataram de se comunicar com o sertor (e também com os camponeses) utilizando símbolos e fórmulas que se combinasse com o "tempo" vivido pelas áreas que desejavam atingir.

A avaliação do "tempo" vivido pelo interlocutor é essencial à eficácia da ação revolucionária. E os comunistas, na opinião de Bloch, falhavam nessa avaliação porque se prendiam a uma doutrina que lidava com as idéias dos homens como se essas idéias fossem menos dinâmicas do que efetivamente são. Os comunistas se apegavam a formulações que, em nome da ciência, se tornavam estáticas. Aludindo ao título de um famoso folheto de Friedrich Engels, Bloch escreveu que os marxistas tinham "exagerado" no caminho "do socialismo utópico ao socialismo científico".

Em vez de tratar de racionalizar o irracional, os marxistas, adotando um ponto de vista muito "fechado" e esquemático, acabavam por estigmatizar o irracional, entregando-o ao irracionalismo. Bloch via no aproveitamento do irracional um caminho para enriquecer a nossa sensibilidade diante da "temporalidade desigual". E foi por essa razão que, em meados dos anos trinta, ele divergiu da apreciação crítica extremamente negativa que seu amigo Lukács fazia do expressionismo; para Bloch a arte dos expressionistas, em suas melhores expressões, podia ajudar os homens a superar um mal de que estavam acometidos: "a subalimentação da fantasia política".

Em seu livro mais ambicioso, escrito nos Estados Unidos e intitulado "O princípio esperança", Bloch retomou seus temas e desenvolveu seus argumentos. O mundo - insistiu - não está nunca pronto, é sempre inacabado; está sempre marcado por tendências, possibilidades, tensões. Daí a significação decisiva das iniciativas dos sujeitos humanos, da fantasia, da arte, dos sonhos, de tudo aquilo que dá vida ao que os marxistas costumam chamar de "supra-estrutura".

Para assegurar o respeito à riqueza da "supra-estrutura", Bloch desenvolveu uma ontologia do "ainda não ser" e afirmou que os seres humanos, diante do inacabamento da realidade, não podem deixar de "crer" em algo que valha a pena para poderem subsistir. "Nenhum ser humano viveu sem sonhar acordado". O sonho, a imaginação, o pressentimento e o desejo do novo são motivações para a vida, são forças propulsoras das ações pelas quais os homens conseguem viver. A consciência, assim, não pode ser reduzida a mero reflexo do mundo exterior, das condições objetivas.

O sonho, a imaginação, o pressentimento e o desejo do novo são motivações para a vida, são forças propulsoras das ações pelas quais os homens conseguem viver

A ontologia do "ainda não ser" está na base da concepção da arte elaborada pelo autor do "Princípio esperança": a arte, de acordo com ele, é parte da "pré-consciência de algo novo", elemento essencial da subjetividade humana. Essa pré-consciência é, de fato, "o lugar do nascimento psíquico do novo". Por isso, "toda grande obra de arte, acima e além do seu conteúdo manifesto, é realizada segundo uma latência da página que vem".

As expressões "pré-consciência", "latência" e "conteúdo manifesto" nos fazem, naturalmente, pensar em Freud e na psicanálise. Mas Luiz Bicca, em "Marxismo e Liberdade", nos adverte para a postura crítica assumida por Bloch em face de Freud. No "Princípio esperança", o fundador da psicanálise é acusado de ter concebido o inconsciente como "aquilo onde algo só pode ser remetido para trás", como "algo baixado a um porão e só ali encontrável". "No inconsciente freudiano não há nada de novo"; segundo Bloch, só há passado acumulado.

Terminada a guerra, Bloch ainda precisou esperar um pouco nos Estados Unidos, até a poeira baixar na Europa. Com a criação da República Democrática Alemã (RDA), sob a hegemonia dos comunistas, o filósofo foi convidado a assumir uma cátedra e passou a lecionar filosofia, na Universidade de Leipzig. Ficou na RDA de 1948 até 1961, quando, depois de vários atritos com os dirigentes do Partido Comunista Alemão, precisou sair do país.

Aos 76 anos de idade, após o exílio a que fora forçado pelos nazistas, o pensador comunista se viu compelido a novo exílio, dessa vez por pressão de seus próprios companheiros de ideal. Com imensa coragem e enorme dignidade, foi para Tübingen, na República Federal da Alemanha, onde passou a trabalhar como professor. Jamais abriu a boca para atacar o regime da Alemanha Oriental, na convicção de que suas divergências - por mais profundas que fossem - constituíam um problema interno do movimento comunista e não deveriam ser discutidas diante de um público anticomunista.

Publicou diversos trabalhos importantes: um estudo sobre "Avicenas e a esquerda aristotélica", outro sobre "Direito natural e dignidade humana", um ensaio famoso sobre Hegel intitulado "Sujeito-Objeto" e vários volumes com palestras sobre os mais diversos temas.

Mesmo nos últimos anos, cego, com a saúde bastante debilitada, ditava artigos, dava entrevistas, comparecia a atos públicos, discursava em comícios e defendia apaixonadamente suas convicções. Morreu em 4 de agosto de 1977, com noventa e dois anos de idade.